

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EXPRESSÕES NATURAIS,
ARTIFICIALISMO
E INDIVÍDUOS ESPECIAIS

CURITIBA - 1991

MAURÍ ALBERTO FARIAS

EXPRESSÕES NATURAIS,
ARTIFICIALISMO
E INDIVÍDUOS ESPECIAIS

MONOGRAFIA APRESENTADA AO IV CUR-
SO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ESPECIAL DO DEPARTAMENTO DE TEO-
RIA E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DO
SETOR DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ, COMO REQUISITO
PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE ES-
PECIALISTA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL.

PELA DEDICAÇÃO E DISPONIBILIDADE
DA MESTRA LEILA JULIETTE KALÓ,
QUE ME ORIENTOU REVISANDO ESTE
TRABALHO, OS MEUS AGRADECIMENTOS.

DEDICO ESTE TRABALHO AOS MEUS ALU-
NOS QUE EMBORA NÃO SEJAM TIDOS CO-
MO PESSOAS NORMAIS, TÊM SENTIMEN-
TOS, EXPRESSANDO ESTES SENTIMENTOS
ATRAVÉS DA CONTRADIÇÃO DO COMPOR-
TAMENTO ARTIFICIAL E DA EXPRESSÃO
DO SER NATURAL, EM HÁBITOS E ATI-
TUDES, POR VEZES SÓ ELES ENTENDEM
E EM OUTRAS SE FAZEM ENTENDER, À-
QUELES QUE TIVEREM DISPOSIÇÃO À
COMPREENSÃO.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	ii
DEDICATÓRIA	iii
1. INTRODUÇÃO	
1.1 Justificativa	1
1.2 Formulação do problema	2
1.3 Objetivos	2
1.4 Definição dos termos	2
2. O USO DOS ARTIFÍCIOS NA SUPRESSÃO DAS SENSAÇÕES DOLOROSAS.	4
3. DO COMPORTAMENTO ARTIFICIAL À REALIDADE CONCEBIDA	7
4. A CRENÇA NAS RESOLUÇÕES DAS DEFASAGENS EXISTENCIAIS	10
5. O INDIVÍDUO ESPECIAL	13
6. A EDUCAÇÃO ARTIFICIALIZADA E A REPRODUÇÃO DO COMPORTAMENTO ARTIFICIAL	15
7. O COMPORTAMENTO ARTIFICIALIZADO É A CAUSA DO AFASTAMENTO DA NATUREZA	19
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Este trabalho é o início de uma caminhada para a reflexão sobre os aspectos do comportamento artificializado, o uso dos artifícios e o comprometimento psicofísico do indivíduo.

O ser pessoa, sua expressão existencial e a sua vocação para vivenciar os atributos naturais, estão sendo esquecidos, enquanto se intensifica a criação de valores compensatórios para as necessidades desatendidas, comprometendo ainda mais a relação; indivíduo e natureza.

Todo indivíduo, mesmo que esteja comprometido em sua existência pelas circunstâncias artificializadas, traz em si uma centelha de pureza e perfeição que não poderá ser comprometida.

" O homem nasceu livre, e não obstante, está acorrentado em toda parte. Julga-se senhor dos demais seres sem deixar de ser tão escravo como eles. Como se tem realizado esta mutação? Ignoro-o. Que pode legitimá-lo? Creio poder responder esta questão. Se eu não considerasse senão a força e o efeito dela derivado, diria: "quando um povo obrigado a obedecer, obedece, faz bem; assim como quando pôde sacudir seu jugo, e o sacode, age ainda melhor, porque recobra a sua liberdade em virtude do mesmo direito que o oprime, ou tem-no para recuperá-lo, ou não existia para tirá-la. Porém, a ordem social é um direito sagrado que serve de base a todos os demais. Não obstante, este direito não provém da Natureza; funda-se em convenções. Resta saber que convenções são estas." 1

A sua essência de ser jamais poderá ser afetada, mesmo que ele apresente complexo comportamento disforme, artificializado, para compensar as suas necessidades desatendidas, ou sofra as interferências de outros indivíduos nas mesmas condições.

Sendo assim, a reflexão se faz sob dois aspectos: o comportamento espontâneo e as necessidades do ser natural; e o comportamento artificializado pelo desatendimento dessas necessidades.

1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Com o afastamento do indivíduo da natureza, o índice de comportamentos artificializados tende a aumentar, aumentando assim os desequilíbrios psicofísicos e conseqüentemente o aumento das sensações dolorosas.

1.3 OBJETIVOS

- Analisar as conseqüências das contradições entre as expressões do ser natural e do comportamento artificializado.
- Demonstrar a importância do equilíbrio entre o que é essencialmente necessário e os artificios criados.
- Estimular as disposições para a diminuição dos artificios que empregam a existência, começando pelos "supérfluos".

1.4 DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Expressão do ser natural - é quando o indivíduo se expressa espontaneamente, sem usar de recursos artificializados que possam esconder atrás de imagens, as suas sensações dolorosas.

Necessidades essenciais - são aquelas que fazem parte das estruturas do ser natural. Estão diretamente ligadas às expressões do ser autêntico; são necessidades que, quando atendidas prontamente, satisfazem plenamente os sistemas psicofísicos do indivíduo, mantendo o equilíbrio: indivíduo e natureza.

Comportamento artificial - é o comportamento de compensação das necessidades que não foram plenamente satisfeitas. É quando o indivíduo, consciente ou inconscientemente, assume uma postura de supressão das suas sensações dolorosas, motivadas pelo desatendimento das necessidades essenciais ou não.

O USO DOS ARTIFÍCIOS
NA SUPRESSÃO DAS
SENSAÇÕES DOLOROSAS

Todo indivíduo tem necessidades e depende de muitos fatores para sobreviver com dignidade. Ninguém vive relativamente bem, sem que estas necessidades sejam prontamente atendidas.

Desde que o indivíduo nasce até quando morre, ele precisa do ar, da água, dos alimentos, de afago, de atenção e de segurança e ainda de estímulos para o seu desenvolvimento.

Sua estrutura psicofísica foi feita de maneira que só funciona bem, se estiver em sincronia com os elementos da natureza que o criou e o mantém.

O não atendimento das necessidades básicas, resulta no rompimento da harmonia do processo de criação e desenvolvimento do indivíduo, causando-lhe a dor. A dor é a cisão no ritmo próprio natural de cada indivíduo. Tudo o que vibra com a natureza, vibra bem e não causa dor. A dor é a vibração disforme da mecânica da natureza, é a manifestação de que algo ou alguma coisa não está funcionando bem.

" A princípio o bebê fará tudo o que lhe for possível para ver as suas necessidades serem atendidas. Ele levantará os braços para ser acalentado, chorará quando tiver fome, esperneará e se contorcerá a fim de chamar a atenção sobre si. Se suas necessidades não forem atendidas durante algum tempo, se não for acalentado, se não lhe mudarem as fraldas e não o alimentarem, ele sofrerá até que seus pais o atendam ou até que ele mesmo suprima a sua dor suprimindo sua necessidade. Se a dor for bastante forte ele poderá morrer, como mostram os estudos feitos em algumas instituições infantis." 2

A supressão da dor, quando possível, é o princípio do processo do comportamento artificial. É a partir daí que começa a criação dos artifícios, que irão estruturar todo um sistema de defesa biopsicológico, contrário ao sistema já existente, que não foi satisfeito em suas necessidades.

Por causa da necessidade não atendida, esse sistema de defesa sub-natural, procura negar essa necessidade, substituindo-a por sensações aparentes. É como se a necessidade natural não existisse, o novo sistema torna-se ausente a essa necessidade, aumentando cada vez mais a cisão e se distanciando do processo: indivíduo e natureza.

A substituição da satisfação da necessidade natural, pelas sensações aparentes, abafa a dor e enquanto o indivíduo estiver sob o efeito dessa sensação aparente, não sentirá a sua dor.

Essa negação da satisfação e do bem-estar natural é abafada pelas sensações artificializadas, uma, duas, três vezes, até quanto puder, segundo a intensidade da dor que poderá ser por toda a vida. Entretanto, a dor não ficou resolvida, mas sim abafada, e esse abafamento compromete o sistema como um todo. A dor tentará se manifestar de alguma forma o mais breve possível e se o indivíduo não for atendido adequadamente, o sistema mais cedo ou mais tarde desabarará, levando-o à morte prematura.

Esse processo de negação da satisfação das necessidades naturais, tenta inverter o processo natural para a sensação de satisfação paliativa, ou seja, satisfação artificial. Isto é, já que não se pode ter a satisfação, p. ex., de beber água no momento da sede, imagina-se que ela deva estar por perto. É ativado mecanismos de resistência sobre a sede, estes mecanismos impulsionam a procurar a água. Se ela não for encontrada, os mecanismos da imaginação desenvolvem a esperança de que, a qualquer momento ou em algum lugar a encontrará, amenizando-se assim a sensação de sede, aliviando a dor pela esperança de encontrar a água que durará por algum tempo até que satisfaça a sede ou todo o sistema se rompa, morrendo o indivíduo de sede.

O processo de rompimento dos sistemas se faz gradativamente, comprometendo primeiramente os sistemas mais frágeis. Por ser uma resistência forçada, criada pela não satisfação da necessidade de beber água, é uma resistência artificializada que procurará desenvolver recursos artificializados, no desespero

de ver suavizada a sede.

Todo indivíduo com comportamento artificial é um indivíduo cuja dor está anestesiada por algum tempo, devido a utilização dos recursos artificiais conforme a defazagem na satisfação da necessidade natural. O processo de artificialização dos sistemas de defesa, se faz proporcionalmente.

Se o processo continuar artificializado pelo não atendimento adequado, os sistemas de defesa tenderão a reforçar a artificialização que se manifestará em comportamentos artificiais crônicos, sem possibilidade da reversão do processo doloroso.

Mesmo que esse indivíduo seja posteriormente atendido e que haja efetiva sincronia ao processo do ritmo da natureza, mesmo assim, alguma sequela permanecerá, de acordo com o tempo do desatendimento anterior e a duração do uso dos artifícios no combate à dor sentida.

DO COMPORTAMENTO ARTIFICIAL
À REALIDADE CONCEBIDA

O processo do rompimento dos sistemas da expressão natural para a expressão artificial, começa como já vimos, no momento em que as necessidades naturais não são atendidas e por isso mesmo insatisfeitas. Essa insatisfação manifesta-se em sensações dolorosas, que articulam mecanismos dos sistemas de defesa para combater essa dor.

A experiência de insatisfação e de dor, motiva a criação de sinais artificiais que servem de alerta, de orientação ou de consolo, pois as experiências dolorosas se repetem e é preciso se precaver contra elas.

Diante da hostilidade do meio que não atende as necessidades, a sociedade foi acumulando sinais; para cada experiência dolorosa, um sinal.

"Não é um sinal arbitrário e intencional de um fato conhecido e compreensível, mas uma expressão de caráter reconhecidamente antropomórfico (por isso mesmo, limitada, válida apenas em certas condições) de um conteúdo sobre-natural e, por esta razão, só compreensível dentro de certas condições."³

O temor das experiências negativas, gradativamente foi intimidando a posição descontraída do processo natural e, o indivíduo foi se contraindo, se reservando cada vez mais em expor as suas necessidades naturais.

As necessidades naturais foram sendo reprimidas enquanto foram surgindo necessidades artificiais. Aquilo que era simples, passou a ser complicado, pelo uso dos artifícios que foram sendo criados. A necessidade de comer p. ex., bastava que se tivesse o alimento em sua forma natural para que a fome fosse sustada. Com o uso dos artifícios, os alimentos passaram a receber toda uma gama de condimentos e temperos e o indivíduo passou a comer não

3. JUNG, Carl Gustav. O símbolo da transformação na missa:

Petrópolis: Vozes, 1979. 109p.

porque sinta fome, mas porque sente estímulos que durante o ato de comer, lhe proporcionam relativo esquecimento da sua sensação dolorosa, com isso, passa a comer constantemente buscando amortecer a insatisfação de alguma necessidade passada, não atendida. "Entope-se" de comida e a sua insatisfação continua.

A tentativa de compensar as necessidades naturais, pela expressão artificializada satisfazem momentaneamente. O indivíduo insatisfeito é o indivíduo que teve suas necessidades recalçadas, abafadas pela intervenção de aparatos artificiais, na ilusão de que abafando a dor, ela não poderá ser mais sentida.

Com a desagregação nos sistemas dos comportamentos naturais, o comportamento passou a engendrar motivos que vieram a compensar as necessidades não satisfeitas, criando-se uma relativa organização dos sistemas rompidos que passou a se chamar de realidade. Realidade porque supôs-se estar se vivendo de resoluções eficientes, resoluções nobres, geradas pelo realce dos fenômenos disformes que se salientam devido à própria cisão ocorrida. Realçando-se, destacando-se, porque o sistema rompido está em convulsão, está em estado de choque. Tudo que está em convulsão, é chocante, espalhafatoso. O seu brilho são centelhas do estardalhaço que acendem e apagam constantemente, dando a impressão de algo poderoso, por ser impressionante aos sentidos e desafiar a compreensão.

Com esta vibração estrondorosa dá-se a impressão de se estar vivenciando algo nobre, por isso a concepção de nobreza e de se estar vivendo a realidade.

Esta realidade foi sendo estruturada nos sinais das convulsões das coisas pela cisão ocorrida, estruturada nas concepções das ilusões das sensações fugazes, nas especulações do que é ou não, e nas incertezas, passando a ter conotação de real. O que não se pode entender, acaba-se por admiti-lo no rol das coisas incompreensíveis, para que não mais incomode.

Os desacertos passaram a fazer parte do dia a dia como se fossem normais e pelo costume dos desacertos, houve a adaptação à acomodação artificial. Mesmo assim, as dores continuam e admite-se que elas fazem parte do desenvolvimento.

Com os desacertos constantes surgiram as incertezas de poder ou não resolver o dasalento, pelo descaso que tomou conta da vontade. E a protelação das soluções dos problemas, que foram

sendo empurrados para as remotas possibilidades futuras.

Com pouca certeza e muita especulação, ocupou-se o tempo nos cuidados dos efeitos dos fenômenos e as causas primeiras foram deixadas para amanhã, quem sabe um dia, se possível.

Na ostentação do poder da não concretização das resoluções tomadas, por ser um poder artificial, os indivíduos foram criando uma metodologia de transferência, onde os preconceitos e as artimanhas procuravam se justificar em suas concepções de valores aparentes.

As novas gerações adotam esses valores aparentes como sinais de normalidade e vão se adequando a estes, sem refletirem os aspectos de contradições que eles promovem, comprometendo cada vez mais o expressar-se naturalmente.

A crença de que estes sinais e o seu comportamento respectivo, lhes garantirá viver melhor, faz com que, a adesão e o esforço em mantê-los como parâmetro de conduta, se torne ferrenho, comprometendo o sistema dos caracteres para o bom senso e o equilíbrio. A adaptação é automática e inconsciente.

Como autômatos dos sistemas artificializados, se fazem guardiões destes sinais, afirmando estarem resguardando a oportunidade de um futuro melhor para si e para os seus.

Entretanto, com isso a maior parte dessa geração não se garante nem a si próprio, se sentem inseguros e incapazes. Insatisfeitos consigo mesmos e sem perspectivas futuras.

A contradição de brilhar com seu sucesso, contraria os valores naturais, pela depredação, pelo esfacelamento desses valores. A insegurança se generaliza. Poucos são os que não se sentem inseguros, principalmente pela ameaça humana. A angústia aumenta, pelas sensações de impotência e incompreensão das coisas bagunçadas.

O desrespeito a si próprio estimula a desconsideração com os outros, que também sentem dores. Assimila-se a postura de auto-pietismo e agride-se àqueles que não lhe dão atenção ou não o compreende, por ser um carente de tudo, um carente de afeto, de entendimento, de segurança. Um castelo de areia a se desmoronar com o mais leve movimento das insignificantes ondas desta atmosfera artificializada, de medos e desalentos.

A CRENÇA NAS RESOLUÇÕES
DAS DEFASAGENS EXISTENCIAIS

A causa primeira dos fenômenos da contradição no indivíduo com comportamento artificializado é a negação do atendimento em suas necessidades básicas naturais. A contrariedade pelo desatendimento resulta na cisão do sistema de comportamento natural e o indivíduo passa a se expressar artificialmente, apoiado na ilusão e nas esperanças de ver resolvida a sensação dolorosa.

A patologia do comportamento artificial está enraizada na "crença" das resoluções das defasagens existenciais. Esta crença é devido à sua posição artificializada que o faz perceber uma "realidade" aparentemente verdadeira, motivando a sua disposição para a manutenção e a garantia do seu artificialismo, pois para ele é tido como de grande valor na lida com a sua sensação dolorosa.

Embora pareça verdadeira a "realidade" artificial, se prende na mistificação e na criação de valores, métodos e técnicas para a adaptação e a acomodação dos indivíduos. Um indivíduo acomodado sente pouca dor porque está constantemente ligado ao processo de amortecimento dos mecanismos de artificialização da realidade em que está inserido. Não é um indivíduo em movimentação natural, não se expõe, é tímido, se conforma com a imagem das coisas, vive uma realidade que protela as soluções das coisas, é um acomodado. Tudo porque está distante do processo dinâmico dos métodos naturais. O que não se conforma é o que sente mais dores, pela dificuldade de mascarar a realidade, não consegue disfarçar que está sofrendo, esperneia, grita e desafia os sistemas de acomodação "organizados". É um indivíduo tido como difícil de se lidar, intransigente, intolerante e que ameaça a ordem constituída. A muito custo e muito penar adere aos sinais artificiais, tornando-se utópico quanto à resolução de seus problemas. No se debater com a realidade constituída e a satisfação de suas necessidades naturais, verifica não ser possível conciliar as duas coisas, lançando para o futuro estas possibilidades deixando de vivenciar as sensações naturais, pela não escolha e adesão dos atributos da natureza contidos em si próprio.

Um indivíduo utópico é aquele que vive na esperança de ver "realizado" um dia os seus sonhos e as suas ilusões. Ver resolvida a sua sensação dolorosa e satisfeitas todas as suas necessidades artificializadas. É um indivíduo "realista", porque vive da realidade criada pela sua própria imaginação.

Sendo a realidade fruto das concepções artificiais estruturadas nas defasagens das necessidades não atendidas satisfatoriamente, essa realidade contrária a naturalidade, concebe a anormalidade como fator natural, desprezando o normal por lhe ser desconhecido.

O comportamento de aceitação da realidade está ligado às concepções das conveniências de um contexto sócio-econômico-cultural artificializado, onde na ilusão de ver satisfeitas as suas necessidades, afastou-se da expressão natural promovendo a anormalidade e deixando de viver as normas verdadeiras e essenciais.

Pela incompreensão da imaturidade foi-se admitindo a anormalidade como regra de valor a ser seguida, enquanto que as autênticas regras foram postas de lado.

Portanto, a realidade é a distorção e a carência das necessidades de expressões naturais.

Na argumentação do indivíduo "realista", a realidade é a vivência dos conteúdos "reais" onde ele está inserido. Se esta realidade é pouco artificializada a sua expressão na argumentação do atendimento às carências, será menor; se a sua realidade é profundamente artificializada, sofisticada, a sua argumentação e expressão será complexamente artificial.

Isto quer dizer que a argumentação na expressão de um indivíduo será tanto mais complexa, quanto for a complexidade das estruturas artificiais do meio em que ele vive.

Vasta é a argumentação de um indivíduo artificial, tentando justificar o uso dos artifícios no combate às dores. Entretanto, por ser argumentação artificializada, é despida de lógica, pois a sua prática é sempre um paliativo para compensar, outras sensações artificiais já existentes. São estruturadas na imaginação e no pensamento vago. Não tem conotação de certeza e nem podem ser expressas e sentidas naturalmente.

Portanto, estamos lidando com uma dicotomia; por um lado o desenvolvimento do sistema de comportamento artificializado e por outro a sensação da dor, pela não satisfação de necessidades

essenciais desatendidas, motivando o rompimento do sistema natural que se distancia na medida em que aumenta a postura artificial pelo uso dos artifícios criados. Isso quer dizer que, as resoluções para amenizar a dor, são apenas transitórias.

Esta dicotomia se faz pela visão deformada da existência, admitindo a realidade como um valor autêntico e concebendo as soluções pelas imagens aparentes de um indivíduo insatisfeito. Essa concepção não tem fundamentação que a apoie seguramente, é uma incerteza atrás da outra, deixando o indivíduo cada vez mais inseguro, que vai se fechando em si, cada vez mais para se proteger da sua própria realidade.

Impondo sinais de orientação aparente, esse comportamento artificializado é desprovido de garantias futuras.

Na sua postura artificializada, se emaranha todo o tempo, buscando definitivamente resolver a sua dor, mas um enorme vazio aperta-lhe o peito, atormentando-lhe sem poder definir precisamente a sensação dolorosa, por ser a somatória das muitas dores.

O INDIVÍDUO ESPECIAL

A deformação do indivíduo é o resultado e a causa das suas sensações dolorosas, que o impele à criação de novos artifícios para combater a dor sentida, resultando em novos comportamentos artificiais que lhe causará nova sensação de dor.

A confusão das coisas é admitir que ser normal é ser adaptado às normas das convenções das satisfações reprimidas, pelos artifícios, com seus métodos e técnicas de aprimoramento.

Se considerar-se que um sistema de coisas tolhe a expressão do indivíduo em sua naturalidade, pode-se dizer que este sistema é perverso, pois priva este indivíduo da sua expressões de normalidade natural.

Um indivíduo é normal quando pode se expressar livremente dentro das satisfações das necessidades essenciais e das normas da natureza.

Esse sistema de coisas que assim se comporta é o gerador das patologias e dos comportamentos artificializados e anormais, por estarem distantes das normas da mecânica da natureza.

Aparentemente é um sistema que resolve o problema da dor, mas fundamentalmente não, pelo agravo que se constata no indivíduo que ao invés de irradiar equilíbrio, se manifesta cada vez mais anormal.

Insatisfeito, queixoso, agressivo, tímido, isolado. Com comportamento neurótico, psicótico, esquisofrênico, alienado, intolerante. Forjando rituais próprios tentando se garantir em sua identidade conturbada. Lançando mão de instrumentos cada vez mais sofisticados que manifestam uma satisfação momentânea, mas que acresce frustrações às já existentes, por não poder atingir e satisfazer a necessidade primeira frustrada.

Cultuando os apetrechos dos artifícios impulsiona-se em ritualismos cada vez mais complexos e de difícil compreensão, até de si próprio. Tenso, pelo comprometimento com os seus rituais, realiza a sua cultuação despindo-se dos sentimentos naturais, agravando o rompimento e passando a se comportar nas sensações irracíveis e destruidoras.

Neste comportamento ritualístico e de cultuação, a "espe-

rança", os "sonhos", são sintomáticos devido esse indivíduo estar com os seus sentimentos naturais reprimidos, e estas "palavras" expressarem as possibilidades de concretização dessas necessidades insatisfeitas.

Entretanto, aparentemente livres pela postura artificial, ritualística, esse indivíduo continua a ter a sensação de que a dor não o abandonou e que se intensificará quando o seu rito terminar. Ansioso e inseguro, sem muitas perspectivas de soluções concretas e definitivas, chega ao tormento e ao desespero, se desestruturando e confundindo satisfação natural com satisfação artificial, comprometendo ainda mais os sistemas, pela opção da satisfação artificial, por não mais conseguir se soltar às satisfações naturais.

A fim de explicar esse vazio, se embrenha na aquisição de conhecimentos que lhe permita desenvolver o poder de lidar com suas dores ; instrui-se nas ciências, aprofunda-se nas filosofias, desenvolve-se nas artes e adere à religião procurando encontrar uma resposta que suavize a sua vida tão sofrida.

Mas a dor continua, se sente desconfortavelmente inseguro e contraditório, embora instruído, incapaz de compreender e de tratar as suas mazelas.

Na medida que o tempo passa, a dor aumenta, o seu viver se torna cada vez mais hostil, a "realidade" lhe parece cada dia mais difícil, a incompreensão e a insegurança estão presentes a todo instante, forçando-o ao fechamento e à indisposição, na tentativa de se proteger do que acredita ser-lhe uma ameaça. Daí a maioria dos velhos serem carrancudos.

A EDUCAÇÃO ARTIFICIALIZADA EA REPRODUÇÃO DO COMPORTAMENTO ARTIFICIAL

Se um indivíduo não está na forma correta das ações das coisas como elas são naturalmente, este indivíduo sentirá dores. Por estar fora de forma, vibrará na disformidade que desagregará suas estruturas psicofísicas, rompendo sistemas e lhe causando sensações doloridas. Este indivíduo está deformado.

sua postura estranha, seus hábitos e atitudes incomuns e por não se adaptar inteiramente às convenções pré-estabelecidas dos sistemas artificiais é tido como "anormal".

Por ser indivíduo estranho, torna-se difícil, o "lidar-se" com ele. Isso gera uma sensação de insegurança para as pessoas que o atendem. Por ser misterioso, é imprevisível, desconfortável, ameaça a "estabilidade" existente, desafia os planejamentos, desorganiza as estruturas e pouco promete, nem sempre promete ou não promete nada. É incerto e não se sabe como está e como poderá ficar.

A dificuldade em se tratar com este indivíduo é porque ele apresenta sintomatologia anti-natural, por estar afastado das vibrações do ritmo da natureza, por se encontrar distante dos atributos naturais e por apresentar comportamento artificial.

Para que haja efetivo atendimento, os recursos daqueles que o atendem, terão que ser essencialmente naturais, sem interferências dos artifícios criados; portanto, não podem ser artificializados para que observem de fora, sem se envolver no jogo dos artifícios do paciente.

Entretanto, os que os atendem também expressam comportamentos artificiais, embora diferentes, estão sob a influência do artificialismo do meio em que vivem; também se afastaram da natureza e isso dificulta o atendimento.

Um atendimento estruturado em cima de conteúdos de comportamentos artificiais, é um atendimento que pode parecer eficiente no amortecimento da dor, mas totalmente incapaz de resolver definitivamente o impasse da dor, apenas a transfere de um estado de coisas para outro estado de coisa. Protela a resolução da sensação dolorosa.

É um sistema artificializado, que paliativamente tenta acabar com a dor, mas somente o que consegue é aliviá-la por algum tempo. A dor voltará mais forte e novos artifícios serão criados. É um sistema contrário à ligação: indivíduo e natureza.

Ao se protelar a resolução do problema a dor aumenta, então se vê, atendente e paciente num processo dinâmico de criação de artifícios, um dá cá e toma lá e dá lá e toma cá, numa artificial comédia, que mais faz chorar do que rir.

Ao se propor tratar as dores de um indivíduo, tem que se levar em conta que este indivíduo está em estado artificial, que a realidade lhe parece ser autêntica, usa os artifícios e não concebe expressões naturais. Se esse indivíduo for tratado, visando o seu enquadramento num sistema de tratamento artificial, suas dores aumentarão, porque estará exposto ao aumento de sinais artificializados que lhe causam indisposições pela identificação com a sensação que ele quer satisfazer; ou seja, a sua busca de satisfação natural. O que ele precisa é retomar os valores da natureza dos quais se afastou e que embora procure, não sabe como encontrá-los.

Nenhum sistema, nenhuma pessoa, poderá almejar sucesso em seu empreendimento de tratamento e promoção de um indivíduo, a menos que esteja se expressando, no mínimo, no embalo de desmistificação dos conteúdos artificiais e buscando incessantemente retomar o ritmo dos sistemas essenciais da natureza.

O bom atendimento de um indivíduo é que ele se sinta confortavelmente satisfeito em características naturais, se sinta aceito e amado pelos outros e seguro nas perspectivas das satisfações futuras que é fundamentalmente ser feliz.

A função do ser humano é simplesmente vivenciar as manifestações espontâneas de si próprio e de seus semelhantes, numa troca gratuita de atitudes fraternas, cada qual no seu ritmo próprio.

Muitos aspectos da educação de maneira geral, estão embaçados em conceitos artificializados, com tendências ao fechamento, como sistema de defesa. Apoia-se na negação da dor, porque se mexer na dor é mexer no problema e esse problema é o resultado do desatendimento anterior.

O enquadramento do indivíduo, o mais rápido possível, no sistema estabelecido, tem sido, muitas vezes, a maneira mais fá-

cil de se lidar com o problema, assim se dissipa a insegurança de não ser capaz.

Na avaliação diagnóstica, muitos dados já são pré-estabelecidos de maneira a acomodá-lo na "realidade". Para que o condicionamento seja eficiente, normatiza-se a classificação segundo convenções vigentes, que não fujam da realidade. Esta realidade é estruturada por sistemas de sinais artificializados, que norteiam o conceito da normalização.

Da maneira mais cômoda possível se condiciona para atingir o objetivo de se sentir segurança, acreditando estar se fazendo um bom atendimento, assim não ocorrerá perturbação da ordem estabelecida, que poderá comprometer as estruturas artificializadas.

Na crença de que o condicionamento é a maneira mais eficaz, enfatiza-se o reforço dos sinais incompreensíveis, estimulando a memória como meio de garantias do que é bom ou ruim. Aquele que aprende pelo esforço, ficará gravado na memória e será lembrado nas necessidades artificiais do momento, que lançará mão desses conhecimentos de choques. Recalcar para acomodar, para não incomodar.

Entre ensinar para acomodar e ensinar para promover, existem disposições bem definidas: uma atende ao sistema de artificialização dos comportamentos artificiais, onde o condicionamento às normas vigentes que acredita-se serem eficazes no combate às sensações dolorosas, determinam a regra a ser seguida; e a outra oferece diretrizes para o indivíduo se expressar naturalmente, segundo o seu potencial natural e as regras da natureza.

A normalidade é o desmantelamento das aflições, das angústias e dos temores. Normalizar significa promover o indivíduo a expressar-se sem as necessidades artificiais existentes, contrárias às expressões de sua naturalidade.

Garantir o artificialismo existente, tem sido a preocupação de muitos educadores. Afirmam estarem resguardando os esforços dos antepassados, para que se possa ter significativo sucesso futuro.

Entretanto a nova geração se sente cada vez menos apta a lidar consigo própria e seus complexos, na sua dolorosa e contraditória existência. O sucesso não passa de fugazes momentos que lhe escapam das mãos deixando-a sem perspectivas futuras que

lhes amedrontam por lhes parecerem sombrias.

Índices alarmantes de violência consigo mesmos, com os outros e com a natureza de maneira geral. Poluição por toda parte: sonora, alimentar, das águas, da atmosfera; desmatamento desmedido, manipulação inconsequente da vida, através da química experimental, uso de drogas de todo o tipo e formas e maneiras, violência no trato com os diferentes: pelo preconceito, pela desinformação, pela displicência e uma prepotência gritante, lamentando a sua dolorosa existência, buscando encontrar culpados para serem responsabilizados pelas suas defasagens e as suas dores. Vítimas das suas próprias concepções de mundo, aprendidas com muito esforço, pela vida chocante que levam, admitindo o terror como forma de solução para a problemática que assola o planeta.

Administrando mal os recursos naturais, esbanjando, desperdiçando e estrapolando as possibilidades do uso desses recursos. Abusando da química das drogas, dos remédios, dos combustíveis e energéticos em geral. Permitindo o aumento nos índices de acidentes generalizados, principalmente os das usinas nucleares, o derramamento de combustíveis nos mares, os incêndios nas florestas, o trânsito descontrolado e tantos outros acidentes e depredações dos recursos da natureza.

E, como se não bastasse, a dominação e escravidão das consciências pelos métodos e reforços dos sinais artificiais pelas ideologias, tentando suprimir a dor dos distúrbios dos próprios artificios criados, no seu uso intenso, pela incompreensão e pela imaturidade.

Usa-se mal os recursos da natureza, num trabalho intenso e exaustivo, tentando acertar, reproduz-se a sinalização artificializada, que admite-se ser uma nova força para a solução de antigos problemas. Uma nova moda, um novo plano, uma nova onda, que esvai-se na areia do desacerto e da movimentação das atitudes alvoroçadas, da quantidade crescente de mentes artificializadas.

O COMPORTAMENTO ARTIFICIALIZADO
É A CAUSA DO AFASTAMENTO DA NATUREZA

Com o retraimento para se proteger da dor e o uso dos artificios criados para se garantir, o indivíduo foi se afastando da natureza e os sistemas naturais foram sendo gradativamente comprometidos: o sistema nervoso, o sistema muscular, o aparelho digestivo; e o indivíduo foi ficando doente. A circulação não funciona adequadamente, a coordenação motora é ineficiente e a visão não lhe permite enxergar satisfatoriamente.

Com a retração, a insegurança e o encolhimento, o fechamento, há tendência para a negação da existência.

Na mecânica da natureza, as necessidades são a soma dos atributos essenciais para se viver bem, com saúde, conforto e segurança.

Os atributos da natureza foram sendo substituídos pela compensação dos sinais artificiais. Uma vez que não tenha sido satisfeito em suas necessidades, o indivíduo passa a se preocupar com a contemplação da satisfação artificial.

Os sinais tornaram-se um realce de valores aparentes que prometem definir a sensação da dor. O indivíduo se sente aparentemente seguro na adesão e uso desses sinais, apegando-se a eles tentando se garantir da hostilidade do meio.

Esses sinais contêm em si promessa do conforto e do bem-estar, motivando o indivíduo a se sentir melhor.

Este afastamento da mecânica natural das coisas, deu margem ao surgimento da sintomatologia dos fenômenos irregulares, motivando o aparecimento das síndromes generalizadas e aumentando o índice de comprometimento psicofisiológico.

Ocupando o tempo em analisar, organizar, combater e prevenir os defeitos dos fenômenos, esquece-se das causas primeiras desses fenômenos e desperdiça-se esforços e recursos que são muito caros.

Um indivíduo que se desenvolve no seu ritmo próprio, sem sofrer o desatendimento das suas necessidades essenciais, é um indivíduo muito mais ligado às sensações naturais, possuindo um alto índice de equilíbrio neurológico.

Tudo o que é essencial é naturalmente necessário, isto quer dizer que, se um indivíduo sofre a dor pelo não atendimento de suas necessidades essenciais, este indivíduo gradativamente, tenderá ao desequilíbrio.

Na medida em que a ação natural das satisfações das necessidades essenciais sejam resolvidas e o indivíduo esteja satisfeito, ele passa a se expressar naturalmente, somando os seus atributos naturais com os atributos naturais de outros indivíduos semelhantes.

A concretização das coisas, se fazem, na medida em que se admita ter a necessidade natural recalcada, e que existe o afastamento dessa necessidade pela gama enorme de artifícios preconceituosos e mentirosos, e que a necessidade natural está sendo substituída por esses artifícios, na busca de compensações das defasagens existenciais.

A desmistificação da argumentação artificializada dos valores tidos como verdadeiros, é fundamentalmente o ponto chave para que se liberte o indivíduo do seu comportamento de sinais artificiais, reaproximando-o da natureza, com o que em pouco tempo, a sua dor será dissipada, pela capacidade de restauração da natureza.

Com essa reaproximação: indivíduo e natureza, este passa a verificar que a sua dor era fruto do desatendimento, isto sim, mas que a intensidade dessa dor era o reforço da sua postura artificial. Se assim se fizer, este indivíduo se expressará nas suas potencialidades naturais, considerando contudo que possa haver alguma sequela, segundo o tempo da cisão, o afastamento e a retomada da mecânica natural, em suas estruturas comprometidas pelos desgastes no uso dos artifícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A justificativa de todo empreendimento no atendimento para a promoção de um indivíduo, é saber que mesmo comprometido por circunstâncias existenciais, esse indivíduo traz em si, uma centelha de pureza e perfeição.

Todo indivíduo, mesmo que ele não saiba, em sua essência é um indivíduo puro. Não está contaminado pelas contrariedades disformes, de ritmos artificializados dos sistemas e da convenções. Sua essência de ser jamais poderá ser deturpada ou destruída, mesmo que ele esteja apresentando um complexo comportamento de sinais compensatórios.

Sem que o indivíduo saiba, ou sequer perceba, a sua movimentação é sempre para o bem. O mal, é a consequência da postura disforme pelo uso dos artificios criados.

Ele tem em si este sentimento, que o impele em procurar maneiras para as coisas boas e que o façam sentir-se bem. Quer conforto, segurança, quer saúde, mesmo que não saiba como fazer para conseguir estas coisas, ou as consiga de maneira inadequada ao seu meio, quanto à sua postura de ser social, agredindo, prejudicando ou maltratando àqueles ou ao meio em que está inserido. pelas circunstâncias e pela sua imaturidade, compromete e se compromete em sua existência; ainda assim, não poderá comprometer a sua essência de ser puro, autêntico e natural.

Ao conseguir satisfazer essas necessidades, ele busca o aperfeiçoamento, aprimorando-se, quer ver brilhar o seu empreendimento como ser social. Ninguém faz nada para si só, sempre inclui os outros, mesmo que esses outros, sejam apenas os seus familiares ou então os seus adversários, a quem gosta de esnobar ao se realçar, querendo mostrar que está bem, que sabe das coisas.

Todo desenvolvimento de promoção humana, no sentido autêntico, passa pelo equilíbrio do ritmo da natureza.

Muitos indivíduos trabalham pelo desenvolvimento e pela promoção da humanidade. Buscam de maneiras "variadas" concretizarem esses impulsos inerentes às suas naturezas. Entretanto, para que haja eficácia no seu empreendimento é preciso que se restaure a unidade, cooperando nas ações das coisas que deverão estar vi-

brando no ritmo único, não "variado", da natureza.

Por esta ou aquela razão, este ou aquele indivíduo deixou de ser conduzido pelo embalo do ritmo natural, afastando-se para as compensações dos sinais artificiais.

Se contorce na dor dos desacertos e protela a definição das coisas pela dificuldade da retomada do seu ritmo natural. Ele se encontra distante dos conteúdos, métodos e técnicas naturais. Sua "visão" já não lhe permite ler os sinais da natureza.

Para se retomar esse ritmo natural, é preciso que, se trate sem reservas as condições do comportamento artificial e o e o contexto artificializado, desmistificando os sinais artificiais e desmantelando a realidade aparente, dando lugar à autenticidade da expressão natural.

Não é mais permitido se viver nos mistérios. As coisas estão sendo aclaradas. A vida é muito fugaz, para que seja desperdiçada, nas suposições do "será ou não". Ela é a plenificação dos atributos da vocação essencial.

Os desacertos se dissiparão e darão lugar às forças transformadoras das coisas essenciais. Não se vive de "caça às bruxas" ou de "bodes expiatórios", mas de conhecimento das coisas como elas são naturalmente.

Os erros são reconhecidos sem que se vise a punição dos "errados", pelo fato da ligação: indivíduo e natureza, na certeza da irradicação das possibilidades de se errar.

O erro é o efeito da acomodação, acomoda-se para não se errar. Porque se errar o erro causa a dor, que motiva a frustração e a negação de não poder brilhar plenamente.

A acomodação é uma aparente satisfação que passa rápido, muito breve, forçosamente terá que se encarar o problema, mesmo que a sua solução pareça difícil.

O problema parece difícil, primeiro, porque por ser problema já é fruto da postura de comportamentos artificializados e segundo, porque um indivíduo artificial, convive com os fantasmas dos possíveis desacertos, não sabe das coisas, não tem perspectivas, não sincroniza consigo próprio, conseqüentemente, não pode sincronizar com os outros e com as causas a serem resolvidas.

O seu meio lhe condicionou a ter comprometimentos "diversificados" e as suas resoluções são "variáveis". Não tem a devi-

da competência e paciência para aguardar o efeito da sua ação, que poderá até estar certa, se estiver na vibração das suas potencialidades naturais, o que não ocorre, pelo fato de ele estar distanciado dos conteúdos da natureza e por se expressar negativamente a respeito desses conteúdos.

Assimilando os conteúdos de necessidades convencionais artificializadas e defendendo a farsa da promoção humana, dum civilização que se diz apta, mas promove a todo instante os desacertos e se desgasta em cuidados com os efeitos desses mesmos desacertos, se sentindo cada vez mais artificializada.

O comportamento espontâneo não é irracível, por mais rápida que seja a reação, por ser expresso pela disposição autêntica da essência pura e perfeita de um ser Racional.

Considerando que a atitude artificial é o resultado da não satisfação de uma necessidade não atendida e por isso mesmo não satisfeita, que gera uma frustração, resultando na dor; os indivíduos que assim se expressam, requerem especial atenção e atendimento adequado. O seu comportamento artificial o impede de manifestar a sua naturalidade, a qual viria emancipá-lo da dor que sente e assim lhe daria condições necessárias de lidar com a sua dor, pela desmistificação do seu comportamento artificial.

Compreendendo e lidando com o seu comportamento, sublima as características de aprisionamento dos artifícios que o induzem a determinados rituais extravagantes, finalmente lhe libera e gradativamente, cada vez mais, vai adquirindo lucidez sobre a complexidade dos conteúdos artificializados.

Um indivíduo feliz é aquele cuja expressão se manifesta espontaneamente, por não ter os entraves dos artifícios arranjados. É aquele que sente a satisfação das suas necessidades essenciais atendidas prontamente.

Este indivíduo não se prende a utopias e nem angaria aplausos pelos seus sucessos, por se sentir apto na sua expressão como ela é naturalmente.

O uso das coisas lhe são adequadas às suas necessidades do momento, sem se prender nas especulações futuristas, um indivíduo natural, livre dos sinais artificiais de aprisionamento, em sincronia com a manifestação das coisas como elas são. Um ser Racional que conhece o direcionamento das coisas, porque se embasa na razão dessas coisas, não supõe e nem especula, mas vive a ação

das coisas naturais. Sabe que o sistema sócio-econômico-cultural está se esfacelando, sabe que a humanidade está se direcionando para um abismo, pela sua postura artificializada; também sabe que não adianta diminuir a velocidade para o abismo, pois sabe que é preciso mudar o direcionamento. Sabe estas coisas e outras mais, por isso não sofre a dor do desespero porque conhece a solução para os problemas criados.

Transcendendo as aberrações de comportamento artificializado, seus ritos e choques, seus cultos e prisões, percebe-se que a vida é muito mais do que parece ser, pelas conveniências e muito mais do que o não sentimento às coisas da natureza.

Por isso, justifica-se o empreendimento de restauração dos indivíduos, por se saber que mesmo estes sendo profundamente artificializados, trazem em si uma centelha de seres Racionais, que não se expressam plenamente por causa do rompimento com a mãe-natureza e o comprometimento com as compensações artificiais.

Embora afastados da natureza e com os sentimentos naturais reprimidos, os indivíduos sentem a necessidade da normalização. Entretanto, esta normalização é fator fora dessa realidade que os acusa se não se adaptarem a ela e abusa quando já adaptados. Realidade de sinais que promovem o descaso daqueles que não são tidos uns "amores", pois concebe o amor segundo o seu parecer de dor.

Neste conceito de normalidade artificial, prevalece a força, o conflito, promovendo a rudez, o egoísmo, a intolerância e a crueldade que acabam por causar outras deformidades e por fim, a conotação de anormalidade.

Os índices alarmantes de defeitos físicos, de distúrbios psicológicos, são frutos do aumento cada vez maior da postura artificializada dos indivíduos e da sociedade, onde tem prevalecido a desatenção, a negação, o descuido com as necessidades essenciais.

Pois se o seu comportamento é artificial, não poderá satisfazer plenamente as suas necessidades e muito menos prestar eretivo atendimento a outros indivíduos que acabarão, pelo desatendimento, inserindo-se em novos comportamentos artificiais no afã de verem resolvidas as suas dores.

Os indivíduos que cometem desatinos, barbaridades, é

esquisito, misterioso, apático, hiperativo, esquisofrênico, psicótico, ou então manifesta comportamento instável, este indivíduo sente muita dor e tenta se manter vivo pela expressão de hábitos e atitudes artificiais, pela defasagem de necessidades básicas essenciais ou de necessidades como um ser social.

Quando são atendidas as necessidades básicas essenciais, o que não ocorre, o indivíduo fica desatendido na sua necessidade de ser social. Carente de respaldo, de que não se encontra só, que existe outro ao seu redor, que pode se sentir seguro, porque há alguém zelando por ele, e que o ama.

Todo indivíduo sente a necessidade de ser reconhecido como pessoa, de ser amado, de ter uma identidade própria, de pertencer a uma humanidade semelhante e fraterna.

O ser fraterno é o ser social, não o social aparente e artificializado pelas convenções e práticas anti-naturais desmedidas, mas o ser socialmente natural, com características íntimas de um ser especial de natureza essencialmente Racional. Um ser livre para se ligar fraternalmente e progredir conscientemente, na sua medida própria, com o espaço visível do outro, e no respeito à mãe-natureza que o criou e o mantém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARONSON, Elliot. O animal social: introdução ao estudo do comportamento humano. São Paulo: IBRASA - Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1979. 312p.
- 2 BRUNTON, Paul. A busca do eu superior: São Paulo: Pensamento, 1970. 255p.
- 3 CURY, Carlos R. Jamil. Educação e contradição: 3^a edição. São Paulo: Cortez, 1987. 134p.
- 4 JANOV, Arthur. O grito primal: terapia primal - a cura das neuroses. Rio de Janeiro: Artenova S.A., 1974. 427p.
- 5 JUNG, Carl Gustav. O símbolo da transformação na missa: Petrópolis: Vozes, 1979. 109p.
- 6 JUNG, Carl Gustav. Resposta a Ió: Petrópolis: Vozes, 1979. 127p.
- 7 MORRISH, Ivor. Sociologia da educação: 2^a edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 339p.
- 8 NOGARE, Pedro Dalle. Humanismos e anti-humanismos: 4^a edição. Petrópolis: Vozes, 1977. 290p.
- 9 PEREIRA, Luiz, Marialice M. Foracchi. Educação e sociedade: 9^a edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. 441p.
- 10 ROUCEK, Joseph. A criança excepcional: 2^a edição. São Paulo: IBRASA - Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1980. 283p.
- 11 ROUSSEAU, Jean-Jacques. O contrato social: Rio de Janeiro: Tecnoprint Ltda., 1976. 183p.
- 12 RODRIGUES, Neidson. Da mistificação da escola à escola necessária: São Paulo: Cortez, 1987. 95p.
- 13 SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: São Paulo: Cortez, 1987. 96p.
- 14 SAVIANI, Dermeval. Educação do senso comum à consciência filosófica: 9^a edição. São Paulo: Cortez, 1989. 224p.
- 15 VANIER, Jean. A comunidade, lugar do perdão e da festa: São Paulo: Paulinas, 1982. 292p.